

Mudanças semânticas apresentadas por EMBORA e AGORA em português: reflexões sobre o papel da categoria cognitiva tempo

Ana Paula A. Rocha*

1. Introdução

A produção deste texto é motivada pelo fato de os itens *embora* e *agora* terem dois pontos comuns: (i) ambos têm, em sua formação etimológica, o item *hora* – que tem sentido de tempo – e (ii) ambos assumiram, ao longo de sua história diacrônica, a possibilidade de conectarem segmentos entre os quais se pode depreender o sentido de desigualdade. Com relação a (i), Cunha (1982) informa que *embora* origina-se da expressão medieval “em boa hora” e que *agora* origina-se da expressão latina “hac hora” (*nesta hora*). A origem etimológica comum entre os itens fica evidente na partícula *ora/hora*, presente na constituição de ambos. Já com relação a (ii), uma rápida consulta a gramáticas tradicionais do português, entre as quais podem-se citar Cunha e Cintra (1985) e Bechara (1999), mostra ser consenso que *embora* seja tomado como uma conjunção subordinativa concessiva da língua. O item *agora*, por sua vez, apesar de ser classificado, via de regra, como advérbio de tempo – conforme demonstram novamente Cunha e Cintra (1985) e Bechara (1999) –, vem sendo utilizado também como juntivo, assumindo sentidos diversos. Esse novo uso do item tem promovido uma série de trabalhos, entre os quais pode ser citado Duque (2002). Os manuais e gramáticas tradicionais, entretanto, não costumam reconhecer em *agora* o uso juntivo e o sentido adversativo – uma exceção seria Sacconi (1990).

Tendo em vista os pontos (i) e (ii), que ligam *embora* e *agora*, neste texto parto da hipótese de que a motivação semântica que leva os dois itens em questão a assumirem, pelo menos em parte, funções semelhantes ao longo do tempo seja o fato de ambos terem sido usados anteriormente com a função de referentes textuais exofóricos, indicando tempo. Em outras palavras, pode-se dizer que aqui proponho haver uma relação semântica estreita entre o sentido adversativo/concessivo e o sentido de tempo.

* Doutora em Letras: Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto.

Em princípio, a hipótese pode parecer óbvia, uma vez que, no caso de ambos os itens, há processos de gramaticalização, que são processos pelos quais, conforme Heine *et al.* (1991), itens não gramaticais tornam-se gramaticais ou itens gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Os trabalhos sobre gramaticalização que se realizaram nas últimas décadas têm apontado que esse tipo de mudança gramatical dá-se paralelamente a uma mudança semântica que, por sua vez, tem sido descrita vastamente através dos já famosos *clines*. Os *clines* são escalas compostas por categorias cognitivas organizadas de tal modo que, indo-se da esquerda para a direita, tem-se uma constante abstratização de sentido. Exemplo de um *cline* é dado por Heine *et al.* (1991: 51): “pessoa/corpo > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade”. Ora, se a categoria tempo está prevista na mudança semântica por que passam itens em gramaticalização, então parece óbvio que essa categoria se relacione com a mudança apresentada tanto por *embora* quanto por *agora*.

Proponho-me, porém, a mostrar que a relação entre o sentido adversativo/concessivo e o temporal ocorre não só porque *tempo* seja uma categoria cognitiva básica, mas porque, em ambos os sentidos, pode-se depreender, ainda que indiretamente, uma comparação, o que pode ser mais facilmente visualizado se aplicado aos exemplos que aqui serão analisados o modelo de Sweetser (1991), que foi utilizado por mim no estudo de *mas* (cf. Rocha, 2006; 2007; 2008a; 2008b) e de outros itens adversativos também (cf. Rocha, 2006; 2009). Assim, à luz de Swetser (1991), argumentarei que, em todas as ocorrências seguintes, há uma comparação: “eu trabalhava muito e agora procuro trabalhar menos”; “eu trabalho muito, agora minha irmã não se preocupa com nada”; “ela será embora” – exemplo medieval retirado de Barreto (1999) – e “embora eu trabalhe muito, ganho pouco”.

2. Sobre as ocorrências analisadas

Neste trabalho, não se fará um estudo baseado em *corpus*; seu propósito não é descrever e/ou analisar a gramaticalização e a mudança semântica por que passaram e vêm passando, em português, *embora* e *agora*. O objetivo que norteia o texto é mostrar que, no que diz respeito à mudança semântica em específico – que aqui é tomada como factual em ambos os casos –, há uma motivação comum aos dois itens. Essa motivação, conforme já declarado anteriormente, seria a relação entre a estrutura comparativa, a

estrutura temporal e as estruturas adversativas e concessivas. Vogt & Ducrot (1989) já haviam reivindicado, segundo pressupostos da semântica argumentativa, haver estreita relação entre a estrutura comparativa e a adversativa, o que, para os autores, explicaria por que o advérbio latino *magis* (comparativo de superioridade) originou a conjunção adversativa prototípica em português – *mas*. Também Neves (1984), estudando as variações de sentido de *mas* em português, assume que a invariância entre todas as variações que estuda seja a comparação. Lembre-se ainda que o item *entretanto*, que também veio a ser utilizado em português em estruturas adversativas, passa, em sua evolução diacrônica, pelo sentido de tempo, o qual ainda apresenta, por sinal, até hoje, em especial no português europeu.

A partir do delineamento do objetivo acima declarado, foram tomadas algumas decisões a respeito das evidências linguísticas a serem utilizadas em prol da hipótese aqui defendida. Tais decisões serão declaradas e comentadas a seguir.

Apesar de ambos os itens, conforme já mostrado, terem, em sua constituição etimológica, uma mesma partícula – *ora/hora* – e apesar de ser essa partícula que os liga relacionada diretamente à noção de tempo, não será necessário buscar ocorrências latinas para comprovar a hipótese que norteia este artigo.

No português contemporâneo, encontram-se exemplos tanto de *agora* com sentido temporal quanto de *agora* com sentido adversativo. Saliente-se, contudo, que o item, quando não temporal, tem assumido um espectro grande de funções e sentidos no português contemporâneo. Duque (2002) divide o uso de *agora*, quando não temporal, em dois blocos: *agora* juntivo e *agora* discursivo. Neste texto, deter-me-ei nos usos juntivos que tenham sentido de contraste. Essa opção justifica-se por ser esse o subtipo de *agora* juntivo em que, aparentemente pelo menos, mais se percebe o sentido de comparação por contraste.

Da mesma forma que acontece com *agora*, também no português contemporâneo, encontram-se exemplos tanto de *embora* com sentido temporal quanto de *embora* com sentido concessivo. No caso dos exemplos de *embora* temporal, porém, devido à opacidade do sentido de tempo em expressões como “ir embora”, resgataremos, na medida do necessário, exemplos medievais.

Apesar de o título deste artigo mencionar “mudanças semânticas”, não se fará aqui um estudo diacrônico propriamente dito. Está claro o sentido temporal presente tanto na origem de *embora* quanto na de *agora* – no último caso, o sentido ainda se

mantém, na língua, de forma transparente. Está claro também que ambos os itens sofreram mudanças semânticas, haja vista o uso de ambos com sentidos diferentes do temporal. Seria importante um estudo que analisasse a mudança em pauta ao longo do tempo. Aqui, entretanto, os objetivos são os seguintes: (i) mostrar que, no uso concessivo de *embora* e em alguns usos de *agora* juntivo, há uma comparação por contraste; (ii) defender que o sentido de comparação por contraste já se encontrava nos usos temporais dos itens; (iii) defender que o sentido de comparação por contraste encontrado nos usos desses itens como juntivos pode ser explicitado pelo mesmo modelo utilizado por Sweetser (1991) para tratar de *but* (ingl.).

3. A análise de Sweetser (1991) para *but*

O trabalho de Sweetser sobre o uso de *but* em inglês mostra-se bastante elucidativo acerca do uso de *mas* em português e, em consequência, acerca dos usos de outros itens adversativos.

A autora propõe um modelo de análise de conjunções segundo o qual as conjunções são elementos que podem atuar em três domínios: o do conteúdo, o epistêmico e o conversacional. A respeito de *but*, entende que o elemento possa ocorrer somente nos dois últimos domínios, o que se explicará adiante.

Cabe esclarecer os pontos que sustentam o ponto de vista da autora. Sweetser defende que uma forma lingüística assume novos significados graças a uma projeção corriqueira existente entre os três domínios da linguagem referidos, sendo que o do conteúdo refere-se ao mundo físico; o epistêmico ao mundo mental; o conversacional aos atos de fala.

As mudanças ocorridas com verbos perceptivos do inglês descritas pela autora são bastante ilustrativas do que ela chama de projeção entre domínios na constituição de novos significados lingüísticos. O verbo *hear* (ouvir, escutar), por exemplo, pode ser usado tanto no domínio do conteúdo (“não escutei a campainha”) quanto no domínio epistêmico (“não escutei minha mãe e me arrependo”), em que assume metaforicamente o sentido de *obedecer*. Aqui se teria uma metáfora de percepção operada no domínio mental. A manipulação física de um som que é retido oferece motivação semântica para que o verbo seja usado no sentido em que o que é retido são dados. O sentido básico de “retenção de estímulos exteriores” mantém-se, todavia.

Analisando questões referentes a conjunções, coordenação e subordinação, Sweetser discute, entre outros tópicos, os itens *and*, *or* e *but*, os mesmos que já haviam sido tratados por Lakoff (1971), que parte da seguinte questão: que fatores garantem a gramaticalidade de sentenças que apresentam os itens *and*, *but* e *or*? Também para as conjunções, Sweetser propõe a existência de três domínios, entre os quais se manifesta uma projeção em sentido unidirecional, via operações metafóricas, o que permite a (re)elaboração constante de significados. É importante observar que o domínio do conteúdo remete ao mundo real não em um sentido representacionista, segundo o qual o mundo real se espelharia nas expressões lingüísticas. O domínio do conteúdo é aquele a partir do qual, em função de suas experiências físicas, como as sensório-motoras, o falante elabora novos significados, graças à capacidade imaginativa de sua mente. Note-se também que Sweetser, ao retomar o trabalho de Lakoff, herda-lhe a preocupação com os fatores explicativos da gramaticalidade de ocorrências com os itens estudados.

No caso de *and*, Sweetser sugere que há, entre os três domínios citados, a manifestação de um sentido básico, que a partir de um domínio fonte se projeta aos demais: o de se colocar coisas lado-a-lado em um processo de adição. Veja-se:

- (1) “John eats apples *and* pears.” (John come maçãs e pêras.)

Nesse caso, a adição de coisas é simples e não obedece a nenhuma ordem nem de temporalidade nem de causalidade, tanto que os elementos “somados” poderiam ter a ordem invertida sem danos para a sentença como um todo. A esse tipo de caso em que se pode inverter a ordem dos elementos ou cláusulas, Sweetser chama simétrico, terminologia adotada em outros trabalhos, como no de Lakoff (1971).

Já no exemplo seguinte, a inversão não seria cabível sob pena de comprometer a própria gramaticalidade da sentença. A esse tipo de caso se chama assimétrico:

- (2) “John took off shoes *and* jumped in the pool.” (John tirou os sapatos e pulou na piscina.)

Sweetser entende que a assimetria vista acima deve-se à iconicidade da linguagem, que faz com que a ordem temporal de sucessão que os eventos relatados seguem no mundo real se reproduza lingüisticamente. O uso narrativo de *and* comprova a interação existente entre a linearidade inerente ao uso lingüístico e o conceito geral de “pôr as coisas lado-a-lado”.

O exemplo seguinte ilustraria, por sua vez, uma linearidade decorrente não do mundo real, mas sim de um processo lógico, sendo, portanto, um exemplo de *and* no domínio epistêmico:

(3) “Why don’t you want me to take basketweaving again this quarter? Answer: Well, Mary got an MA in basketweaving, **and** she joined a religious cult. (...so you might go the same way if you take basketweaving).” (Por que você não quer que eu pegue basketweaving de novo esse bimestre? Resposta: Bem, Mary tem um MA em basketweaving e ela se juntou a um culto religioso. (...assim você pode ir para o mesmo caminho se você pegar basketweaving.))

Em (3), a ordem das cláusulas não reproduz iconicamente uma ordem de eventos sucedidos no mundo real, e sim uma ordem de premissas que levam a uma conclusão.

Já o seguinte exemplo mostra *and* empregado no domínio conversacional:

(4) “The Vietnam War was morally wrong, **and** I’ll gladly discuss the reasons why I think so.” (A Guerra do Vietnã foi moralmente errada e eu terei prazer em explicar as razões pelas quais penso isso.)

Também para *or* Sweetser encontra ocorrências nos três domínios citados. Já para *but* a autora tece a seguinte objeção: *but* conecta segmentos que contrastam entre si ou mesmo “colidem” (*clash* é o termo usado), mas esse contraste e essa colisão só são perceptíveis nos níveis epistêmico e conversacional. Um exemplo dado pela autora para corroborar sua proposta é:

(5) “John keeps six boxes of pancake mix on hand, **but** he never eats pancakes.” (John mantém seis caixas de mistura para panquecas estocadas, mas nunca come panquecas.)

O choque pode dar-se também entre duas conclusões implícitas, suscitadas por duas premissas conectadas por *but*, como em:

(6) “Do you know if Mary will be in by nine this evening?
Answer: Well, she’s nearly always in by then, **but** (I know) she has a lot of work to do at the library, so I’m not sure.” (Você sabe se Mary vai estar em casa às nove esta noite? Resposta: Bem, ela sempre chega por volta das nove, mas (eu sei) ela tem um monte de trabalho a fazer na biblioteca, então não tenho certeza.)

O argumento de Sweetser é que as relações de sentido sinalizadas por *but* nos dois últimos exemplos não se processam no domínio do conteúdo porque não há nada no mundo real que impeça a concomitância do fato de John estocar panquecas e o fato

de ele nunca comê-las. Da mesma forma, no mundo real, é possível que Mary sempre chegue a casa por volta das nove e que em um dia determinado tenha muito trabalho a fazer na biblioteca. A colisão se dá entre conclusões processadas no nível epistêmico: se Mary chega a casa sempre até às nove, é possível que chegue hoje também; se Mary tem muito trabalho a fazer, é possível que não chegue a casa no horário de sempre.

Para Sweetser, mesmo que se argumente ser possível depreender as relações acima no domínio do conteúdo, é impossível negar seu processamento no domínio epistêmico. Tipicamente, no entanto, relações que ocorrem no domínio do conteúdo não ocorrem ao mesmo tempo no domínio epistêmico.

Lakoff (1971) afirma que a gramaticalidade de períodos em que duas sentenças estejam ligadas por *but*, se não se construir superficialmente (o que, para Sweetser, não ocorre), dependerá, então, de uma combinação de pressuposições e deduções que uma delas ou ambas desencadeiam.

Além disso, Lakoff descreve uma “hierarquia de naturalidade” de pressuposições e deduções: algumas mais universais (como se vê em “John é alto, mas não é bom no basquete”); outras menos (como em “John é Republicano, mas você pode confiar em Bill”); outras idiossincráticas (como em “John detesta sorvete, mas eu também”). O destaque que Lakoff dá às informações implícitas talvez seja a maior contribuição de seu trabalho. Um dos exemplos que analisa é:

(7) “John is rich **but** dumb.” (John é rico mas estúpido.)

O exemplo só pode ser avaliado, segundo a autora, dentro de algum contexto. Por exemplo, uma mãe que queira dissuadir a filha de casar-se com João poderia dizer que ele é rico (uma boa qualidade), mas estúpido (um defeito), não sendo, portanto, um bom partido. Aqui se teria um caso de oposição semântica. Por outro lado, alguém que julgue que pessoas ricas não são estúpidas poderia ter empregado *but* justamente por haver aí, então, uma quebra de expectativa.

Já Sweetser, embora também reivindique um papel crucial às informações e conclusões pressupostas e implícitas na análise da gramaticalidade de sentenças com *but*, diverge de Lakoff com relação à existência de oposição semântica propriamente dita nessas estruturas. A ocorrência vista em (7), por exemplo, Sweetser entende como sendo possível somente no domínio epistêmico ou no conversacional. Enquanto Lakoff

atribui à frase uma quebra de expectativa, Sweetser lhe atribui uma quebra de expectativa no nível epistêmico. Já a leitura que Lakoff atribui a uma oposição semântica, Sweetser entende como se processando no domínio conversacional, porque a mãe hipotética poderia estar, em um ato de fala, dizendo à filha: “eu sugiro que você não se case com John”; o que anularia a possibilidade de uma leitura desse exemplo no domínio do conteúdo, até porque, para Sweetser, no mundo real, riqueza e estupidez não necessariamente se opõem.

Como se vê, o modelo de Sweetser mostra-se bastante eficiente no tratamento de *but*, principalmente por considerar que, na estrutura adversativa, o “choque” não se dá entre duas proposições lingüisticamente expressas, e sim entre informações suscitadas por tais proposições. A estrutura adversativa é, na verdade, um tipo de expressão lingüística altamente sofisticado do ponto de vista cognitivo, o que acarreta dificuldade à descrição do lingüista. Ao falante, porém, a dificuldade não se impõe, graças a operações cognitivas que ele realiza no nível epistêmico, conforme defende Sweetser.

Ao constatar que o choque visto nas estruturas adversativas dá-se entre alguma informação implícita e outra explícita, a visão cognitivista de Sweetser ratifica as descrições da semântica enunciativa a respeito das adversativas e do jogo entre o dito e o não-dito encontrado nessas estruturas. A visão cognitivista avalia as condições de produção da estrutura adversativa em um trabalho que alia a preocupação com a gramaticalidade dessa estrutura e a preocupação com as questões sociais e históricas que garantem ao falante o uso e a apreensão de conteúdos não-ditos na expressão lingüística.

4. Análise de ocorrências de *embora*

O mesmo raciocínio proposto por Sweetser (1991) para a análise de *but* será aplicado às ocorrências de *embora*². Como se disse, não se tem aqui um estudo de *corpus*. A análise proposta para os exemplos seguintes visa tão somente a apontar uma

² Os dois exemplos de *embora* analisados aqui foram retirados da página eletrônica do Projeto NURC-RJ. A opção por esse *corpus* justifica-se pelo seguinte: as ocorrências de *agora* que serão analisadas em outra seção foram retiradas do trabalho de Duque (2002), que, por sua vez, valeu-se de um *corpus* do PEUL-RJ. Por isso, optei por selecionar exemplos de *embora* que também fossem amostras da língua falada. Além disso, foi importante o fato de ambos os *corpora* encontrarem-se disponíveis na internet. As variantes externas relacionadas aos informantes foram desconsideradas.

possibilidade de compreensão do fenômeno em pauta, o que não dispensa um estudo mais aprofundado. Veja-se o exemplo (8):

(8) “e a Nestlé acaba entrando no mercado... e o Bob's... então... é vendido... eu dizia a vocês... a posição da multinacional... nem sempre é tão... eh... radical... por que que nem sempre ela é tão radical? **embora** ela tenha recursos... estrutura... organização... a proposta dela... não é... apenas... assim: "ou você me vende o negócio... ou eu... hã... te derrubo"... normalmente... ela chega... para... o pequeno... empresário e pergunta a ele se ele quer vender...” (Inquérito 364. Disponível em: < <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 20 fev. 10.)

Em (8), a relação de concessão sinalizada por *embora* não se dá entre informações explícitas. A oposição apontada dá-se da seguinte maneira: pelo fato de a multinacional ter “recursos...estrutura...organização...”, poder-se-ia supor que ela adotasse uma postura “radical” com o pequeno empresário, o que não ocorre. Aqui se tem uma pressuposição idiossincrática, conforme a proposta de Lakoff (1971), comentada na seção anterior. Em outras palavras, não há nada que impeça uma multinacional de ser forte e, ao mesmo tempo, não impositiva com os pequenos empresários, de forma que a sentença só se torna gramatical porque falante e ouvinte são capazes de compartilhar entre si uma relação de causa e efeito não declarada (poder leva a autoritarismo, no mundo dos negócios).

A comparação nota-se na relação de contraste entre uma expectativa pressuposta (a multinacional seria radical com o pequeno empresário) e um fato ocorrido de declarado (a multinacional não é radical com o pequeno empresário). Passe-se ao próximo exemplo:

(9) “o metrô de Paris é uma maravilha não é? é tido como o metrô mais inteligente né?... do mundo... **embora** não seja o mais luxuoso nem o mais rápido mas é o... tido como o mais inteligente porque... ele tem uma rede que você vai a qualquer lugar...” (Inquérito 296. Disponível em: < <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 20 fev. 10.)

Em (9), a pressuposição que desencadeia a quebra de expectativa é menos idiossincrática do que a que se viu em (8). Em (9), falante e ouvinte compartilham a expectativa de que, pelo fato de o metrô de Paris não ser o mais luxuoso e o mais rápido do mundo, ele também não poderia ser “tido como o metrô mais inteligente”. A

expectativa suscitada aqui é a de que eficiência e luxo fazem parte de um mesmo conjunto.

Se essa relação entre eficiência e luxo não for percebida pelo ouvinte – mesmo que ele não a inclua entre suas próprias crenças –, a gramaticalidade pretendida pelo falante não ocorre. Dessa forma, também em (9), é possível depreender-se a comparação entre o fato de o metrô de Paris ser o mais inteligente e a expectativa de que ele não o seria, em função de não ser nem luxuoso nem rápido.

5. Análise de ocorrências de *agora*

O objetivo principal deste texto é apontar que, tanto nos usos de *agora* e *embora* com sentido temporal quanto em seu uso com sentido adversativo/concessivo, tem-se o raciocínio comparativo, seja ele explícito ou não.

Duque (2002), conforme já se afirmou na Introdução deste texto, divide o uso de *agora*, quando não temporal, em dois blocos: *agora* juntivo e *agora* discursivo. Entre os juntivos, inclui os que têm sentido de contraste, que podem ser exemplificados por (10) e (11), exemplos que o próprio autor utiliza. Vejam-se os exemplos:

(10) “Com a família ela cresce. **Agora** com o marido ela murcha.”

(11) “A Paulina é boa. **Agora** a Paola é má.”

Também para (10) e (11), poder-se-ia defender, ainda com base no modelo de Sweetser (1991) para *but*, que a oposição entre as duas informações explícitas em cada exemplo não ocorre no domínio do conteúdo (não haveria nada no mundo real que impedisse uma mulher de comportar-se com o marido diferentemente da forma como se comporta com a família e não haveria nada que impedisse “a Paulina” e “a Paola” de não terem o mesmo caráter), mas no domínio epistêmico, no qual se encontram as crenças que levam à expectativa de que tais fatos ocorreriam de outra maneira, mais precisamente de maneira oposta.

Independentemente, entretanto, da questão discutida no parágrafo anterior, em (10) e (11), a comparação está bastante evidente, ou seja, está claro não se tratar de usos de *agora* com sentido temporal.

Há um outro exemplo analisado por Duque (2002) que merece destaque:

(12) “O Império Serrano apresenta o carnaval bom. **Agora**, tem marmelada, não é?”

Para o autor, (12) exemplifica o emprego do “*agora concessivo*”, que “leva à anulação da direção argumentativa anterior, introduzindo uma espécie de quebra de expectativa” (DUQUE, 2002: 95).

O autor diferencia o *agora* que chama de concessivo do *agora* que chama de adversativo, exemplificado em (10) e (11), que estabeleceria contraste e não concessão.

Aqui cabem alguns observações: (i) se se analisam (10) e (11) conforme o modelo utilizado por Sweetser (1991) para *but*, então, também nesses exemplos, tem-se quebra de expectativa porque os elementos e as situações tratados são postos em comparação e contrastados entre si somente porque havia expectativa de que fossem semelhantes; (ii) se se entende que, no uso do *agora* chamado concessivo, tem-se uma quebra de expectativa, então há contraste aqui também (entre a expectativa quebrada e o dado explícito e declarado); (iii) o fato de o autor mencionar uma “espécie” de quebra de expectativa sugere que as expectativas, as pressuposições e as deduções são tratadas muitas vezes com cautela na análise lingüística (donde, a modalização feita pelo autor), certamente pela falta de um modelo que contemple essas noções com sistematicidade e organização, como fazem os trabalhos de Lakoff (1971) e de Sweetser (1991).

6. Comparação e tempo nos usos de *agora* e *embora*

Duque (2002: 95) afirma que “a relação semântica de contraste sinalizada pelo *agora* juntivo representa a persistência de uma propriedade dos usos dêiticos. Em se tratando daqueles usos, o contraste é expresso através da oposição temporal: *passado x presente*”.

O autor exemplifica sua afirmação com a seguinte ocorrência:

(13) “A altura antigamente era documento. **Agora** não.”

Sweetser (1991), conforme se viu, propõe que *but* não ocorre no domínio do conteúdo, proposta que pode ser aplicada a *mas*, como foi defendido aqui anteriormente. Neste texto, propus ainda que esse modelo pode ser aplicado também a alguns usos de *agora*. Se se entende que os casos de *agora* juntivo não ocorrem no domínio do

conteúdo, pode-se entender, por outro lado, que seu uso adverbial ocuparia essa lacuna na sua trajetória diacrônica.

O que mais interessa, porém, é que esse modelo permite perceber a comparação mesmo naqueles casos em que os elementos e/ou as situações comparados não estejam todos explícitos, ou seja, naqueles casos em que há pressuposições, inferências e deduções.

Sobre *embora*, viu-se que esse mesmo modelo permite perceber a comparação nos usos juntivos do item quando se coteja uma expectativa criada com uma informação declarada e não esperada.

Também em seu uso adverbial com sentido de tempo, pode-se depreender a comparação. No português atual, o item, quando adverbial, além de ter fixado uma posição (posterior ao verbo), mostra-se opaco do ponto de vista semântico. Atualmente é usado exclusivamente com o verbo de movimento *ir*, em expressões como “ir embora” ou na expressão “ser mandado embora”, que tem sentido de “ser demitido ou expulso”. O desgaste semântico apagou a noção de tempo propriamente dita.

Em sua origem com sentido de tempo, no entanto, o item ou sua expressão de origem – *em boa hora* – faziam uma contraposição a uma eventual “má hora”. Então a comparação não se dava somente em termos estritos de cronologia – como no caso de *agora* adverbial, que serve para contrapor o presente ou ao futuro –, mas no sentido de se comparar “boas horas” e “más horas”. Lembre-se que a expressão começa a cristalizar-se no período medieval, no qual as crenças vigentes criavam o temor nas “más horas” e a fé nas “boas horas”.

Com as reflexões acima, pretendo ter argumentado em prol da tese de que a categoria tempo faz-se presente na história de *agora* e *embora* juntivos não só porque essa seria uma categoria básica presente em processos de gramaticalização e mudança semântica em geral, mas porque tempo, em sua acepção cronológica básica, traz, em si, a noção de comparação que se vê pelo menos em alguns dos usos juntivos dos itens aqui tratados.

7. Bibliografia

BARRETO, T. M. M. (1999) *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese de doutorado, UFBa, Salvador (Bahia).

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CUNHA, A. G. da. (1997) *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. (1985) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DUQUE, P. H. (2002) *O elemento agora, sob enfoque da gramaticalização*. Dissertação de mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 2002.
- HEINE, B. *et al.* (1991) *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, R. (1971) "If's, And's and But's about conjunction". In: FILLMORE, C. LANGENDOEN, D. (eds.). *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- NEVES, M. H. de M. (1984) O coordenador interfrasal *mas* – invariância e variantes. In: Revista *ALFA* 28: 21-42. São Paulo.
- ROCHA, A. P. A. (2006) *Gramaticalização das conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. Tese de doutorado, PUC-RJ, Rio de Janeiro (RJ).
- _____. (2007) *Gramaticalização da conjunção mas: reflexões a partir do modelo de Sweetser (1991)*. In: OSÓRIO, P. (org.) *Revista Eletrônica Domínios de Lingu@agem n. 2 – Gramaticalização*. Dezembro, 2007. Fonte: <<http://dominiosdelinguagem.org.br>>. Acesso em: 20 fev.10.
- _____. (2008a) *Cognição e uso de itens adversativos em português: questões relativas ao ensino de leitura e produção de texto*. In: *Revista Recorte – Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*. n. 8, Três Corações (MG), Unincor, jan./jun. 2008. Fonte: <http://www.unincor.br/recorte/edicao8/e8_artigos.html>. Acesso em: 10 mai. 09.
- _____. (2008b) *Relações de sentido entre os diversos usos de MAS: a formação de uma rede polissêmica motivada metaforicamente*. In: *Revista Estudos Lingüísticos*. São Paulo, 37 (1): 121-130, jan.-abr. 2008.
- _____. (2009) *Mudanças semânticas apresentadas por conjunções adversativas em português: o papel da categoria espaço*. In: Ataliba Teixeira de Castilho (org.). *História do Português Paulista*. Campinas: Setor de Publicações do IEL - Unicamp, 2009, v. 1, p. 239-254.
- SACCONI, L. A. *Nossa gramática: teoria*. 14.ed. São Paulo: Atual, 1990.
- SWEETSER, Eve. (1991) *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VOGT, C.; DUCROT, O. (1989) De *magis* a *mas*: uma hipótese semântica. In: VOGT, C. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. 2.ed. aum. São Paulo: Hucitec.